

COVENANT & Conversation

UM ESTUDO NA PARASHÁ COM O RABINO SACKS

www.rabbisacks.org

[f/rabbisacks](https://www.facebook.com/rabbisacks)

[@rabbisacks](https://twitter.com/rabbisacks)

[@rabbisacks](https://www.instagram.com/rabbisacks)



7'03

PARASHÁ VAYKRÁ

Shabat de 1 de Abril de 2017 (5 de Nissan de 5777)

A OFERTA DE PECADO

Uma parceria da Sinagoga Edmond J. Safra - Ipanema com o escritório do Rabino Jonathan Sacks (The Office of Rabbi Sacks)

Vaykrá trata de sacrifícios e, embora essas leis tenham sido inoperantes por quase 2000 anos desde a destruição do Templo, os princípios morais que elas incorporam ainda são desafiadores.

Um conjunto de sacrifícios, expostos em detalhes na parashá desta semana, merece atenção especial: *chatat*, a “oferta de pecado”. São considerados quatro casos diferentes: o sacerdote ungido (= sumo sacerdote), a assembleia (= o Sinédrio), o Príncipe (= Rei) e um indivíduo comum. Como seus papéis na comunidade eram diferentes, também era a forma de sua expiação.

A oferta pelo pecado devia ser trazida somente para pecados maiores, aqueles que carregavam a penalidade do *karet*, ‘ser cortado’; e somente se eles tivessem sido cometidos de forma não intencional ou inadvertidamente (*be-shogeg*). Isso poderia acontecer de duas formas: [a] porque a pessoa em questão não conhecia a lei (por exemplo, que é proibido cozinhar no shabat) ou [b] não conhecia os fatos (por exemplo, que hoje é o shabat).

Os pecados não-intencionais ficam a meio caminho entre pecados intencionais (onde você sabia que o que estava fazendo era errado) e ação involuntária (aqueles em que você não estava agindo livremente: era uma ação reflexa, ou alguém estava apontando uma arma para sua cabeça). Os pecados intencionais não podem ser expiados pelo sacrifício. As ações involuntárias não precisam de expiação. Assim, a oferta pelo pecado está confinada a um intervalo médio de casos, onde você fez algo errado, mas você não sabia que estava fazendo algo errado.

A questão é óbvia: por que os pecados não-intencionais exigem expiação? Que culpa está envolvida? O pecador não queria pecar. A intenção necessária (*mens rea*) estava faltando. Se o ofensor tivesse conhecido os fatos e a lei na época, ele não teria feito o que fez. Por que então ele tem que passar por um processo de expiação? Para isso, os comentaristas deram uma variedade de respostas.

R. Samson Raphael Hirsch e R. David Zvi Hoffman dão a explicação mais direta. A ignorância - seja dos fatos ou da lei - é uma forma de negligência. Devemos conhecer a lei, especialmente nos casos mais graves. Devemos também exercer vigilância: devemos saber o que estamos fazendo. Trata-se de uma obrigação fundamental, especialmente em relação às áreas mais graves de conduta.



Para outros trabalhos do Rabino Sacks visite www.rabbisacks.org

The Office of Rabbi Sacks, PO Box 72007, London, NW6 6RW, UK
+44 (0)20 7286 6391 • info@rabbisacks.org • www.rabbisacks.org

© Rabbi Sacks • Todos os direitos reservados

O escritório do Rabino Sacks tem o suporte do Covenant & Conversation Trust

COVENANT & Conversation

UM ESTUDO NA PARASHÁ COM O RABINO SACKS



703

www.rabbisacks.org

[f/rabbisacks](https://www.facebook.com/rabbisacks)

[@rabbisacks](https://twitter.com/rabbisacks)

[@rabbisacks](https://www.instagram.com/rabbisacks)

Abrabanel argumenta que a oferta pelo pecado era mais uma advertência solene contra o pecado no futuro, do que uma punição pelo que tinha sido feito. A apresentação de um sacrifício, que envolvia esforço e despesas consideráveis, era um vívido lembrete ao indivíduo para ser mais cuidadoso no futuro.

Nachmânides sugere que a oferta pelo pecado era trazida não por causa do que levou ao ato, mas sim por causa do que se seguiu a partir dele. O pecado, mesmo sem intenção, contamina. ‘A razão das oferendas para a alma errante é que todos os pecados (mesmo se cometidos sem intenção) produzem uma mancha na alma, e a alma só é digna de ser recebida pelo seu Criador quando ela é pura de todo pecado’. O falecido Lubavitcher Rebe, seguindo a tradição midráshica, ofereceu uma quarta interpretação. Mesmo pecados inadvertidos testemunham algo errado por parte da pessoa em causa. Coisas ruins não acontecem através de pessoas boas. Os sábios disseram que D-s não permite que nem mesmo os animais dos justos façam mal; mais ainda, Ele protege os justos de erros e percalços (ver Yevamot 99b, Ketubot 28b). Portanto, deve ter havido algo errado com o indivíduo para o acidente ter ocorrido. Esse ponto de vista - característico da abordagem do Chabad, com sua ênfase na psicologia da vida religiosa - compartilha mais do que uma mera semelhança passageira com a análise de Sigmund Freud do inconsciente que deu origem à frase “um ato falho freudiano”. Observações ou atos que parecem não intencionais muitas vezes revelam desejos ou motivos inconscientes. Com efeito, muitas vezes podemos vislumbrar o inconsciente mais prontamente em tais momentos do que quando a pessoa está agindo com pleno conhecimento e deliberação. Os pecados inadvertidos sugerem algo errado na alma do pecador. É esta falha, que pode estar debaixo do limiar da consciência, que é expiada pelo *chatat*.

Seja qual for a explicação que sigamos, o *chatat* representa uma ideia familiar na lei, mas extremamente estranha na ética ocidental. Nossos atos fazem a diferença para o mundo.

Sob a influência de Immanuel Kant, chegamos a pensar que tudo o que importa no que se refere à moralidade é a vontade. Se a nossa vontade é boa, então somos bons, independentemente do que realmente fazemos. Somos julgados por nossas intenções, não por nossas ações. O judaísmo reconhece a diferença entre a boa vontade e a má. É por isso que os pecados deliberados não podem ser expiados por um sacrifício, enquanto aqueles não intencionais podem.

No entanto, o próprio fato de que pecados não-intencionais requerem expiação nos diz que não podemos nos dissociar de nossas ações dizendo: “Eu não queria fazer isso”. O erro foi feito - e foi feito por nós. Portanto, devemos realizar um ato que sinalize nosso remorso. Não podemos simplesmente ir embora como se o ato não tivesse nada a ver conosco.



Para outros trabalhos do Rabino Sacks visite www.rabbisacks.org

The Office of Rabbi Sacks, PO Box 72007, London, NW6 6RW, UK
+44 (0)20 7286 6391 • info@rabbisacks.org • www.rabbisacks.org

© Rabbi Sacks • Todos os direitos reservados

O escritório do Rabino Sacks tem o suporte do Covenant & Conversation Trust

COVENANT & Conversation

UM ESTUDO NA PARASHÁ COM O RABINO SACKS



7'03

www.rabbisacks.org

[f/rabbisacks](https://www.facebook.com/rabbisacks)

[@rabbisacks](https://twitter.com/rabbisacks)

[@rabbisacks](https://www.instagram.com/rabbisacks)

Muitos anos atrás, um romancista judeu secular me disse: “O judaísmo não está cheio de culpa?” Ao que eu respondi: “Sim, mas também está cheio de perdão”. Toda a instituição da oferta pelo pecado é sobre o perdão. No entanto, o judaísmo faz uma séria declaração moral quando se recusa a dividir a pessoa humana em duas entidades - corpo e alma, ato e intenção, objetiva e subjetiva, o mundo “lá fora” e o mundo “aqui”. Kant fez exatamente isso. Tudo o que importa moralmente, argumentou, é o que acontece “aqui”, na alma.

Será que é totalmente acidental que a cultura mais influenciada por Kant tenha sido também a que deu origem ao Holocausto? Eu não quero dizer - D-s me livre - que o sábio de Königsberg foi de alguma forma responsável por essa tragédia. No entanto, continua a ser o caso onde muitas pessoas boas e decentes não fizeram nada para protestar contra o maior crime do homem contra o homem enquanto ele estava ocorrendo. Muitos deles certamente pensaram que não tinham nada a ver com eles. Se eles não tinham uma animosidade particular para com os judeus, por que eles deveriam se sentir culpados? No entanto, o resultado de sua ação ou inércia teve consequências reais no mundo físico. Uma cultura que confina a moralidade à mente é aquela que não possui uma defesa adequada contra comportamentos prejudiciais. A oferta pelo pecado nos lembra que o mal que fazemos, ou deixamos acontecer, mesmo que não tenhamos a intenção, ainda requer expiação. Por mais antiquada que seja, uma moralidade que fala sobre ação, não apenas intenção - sobre o que acontece através de nós, mesmo que não tenhamos a intenção de fazê-lo - é mais convincente, mais fiel à situação humana, do que aquela que fala apenas de intenção.

Texto original: “**THE SIN OFFERING**” por Rabino Jonathan Sacks

Tradução Rachel Klinger Azulay para a *Sinagoga Edmond J. Safra - Ipanema*



Para outros trabalhos do Rabino Sacks visite www.rabbisacks.org

The Office of Rabbi Sacks, PO Box 72007, London, NW6 6RW, UK
+44 (0)20 7286 6391 • info@rabbisacks.org • www.rabbisacks.org

© Rabbi Sacks • Todos os direitos reservados

O escritório do Rabino Sacks tem o suporte do Covenant & Conversation Trust